



Letizia tomou um chute no peito ao agachar-se para fazer esta foto do sanguinário mafioso Leoluca Bagarella



ELA FICOU CARA A CARA com a máfia

Livro da italiana Letizia Battaglia, lançado no Brasil, retrata um período sangrento em Palermo, na Sicília, de luta pelo poder no crime organizado e contra a Justiça

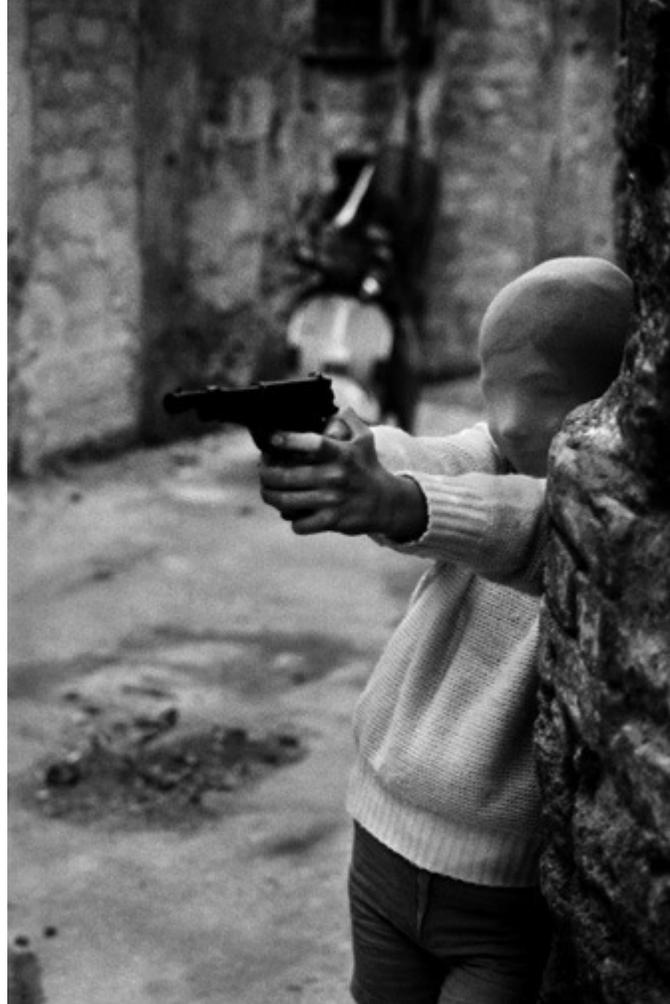
POR JUAN ESTEVES

O recém-lançado livro *Letizia Battaglia: Palermo* (IMS, 2018) é peculiar por alguns motivos. É um raro trabalho feito por uma mulher que caminhou na contramão da misoginia estabelecida no fotojornalismo até a década de 1980. A maior parte do conteúdo foca em Palermo, capital e maior cidade da ilha da Sicília, com uma série

de imagens violentas e dramáticas do período mais sangrento da máfia italiana na cidade. É ainda uma correção de certo anacronismo das publicações disponíveis no mercado nacional a um preço competitivo com os similares internacionais.

Letizia Battaglia, hoje com 83 anos, casou-se aos 16 anos em Palermo, sua cidade natal, e teve três filhas. Separou-se do ma-

rido e mudou-se para Milão com elas aos vinte poucos anos, onde começou a trabalhar como jornalista, tornando-se fotógrafa para ilustrar o que escrevia. Autodidata, tem influências declaradas do tcheco Josef Koudelka e das americanas Mary Ellen Mark (1940-2015) e Diane Arbus (1923-1971). Tinha 40 anos quando, em 1974, retornou a Palermo convidada pa-



O juiz Roberto Scarpinato com seus guarda-costas no topo do tribunal de Palermo, em 1998 (à esq.); menino brincando de matador, em 1982; abaixo, três pessoas assassinadas por não respeitarem as regras estabelecidas pela máfia siciliana



Fotos: Letizia Battaglia